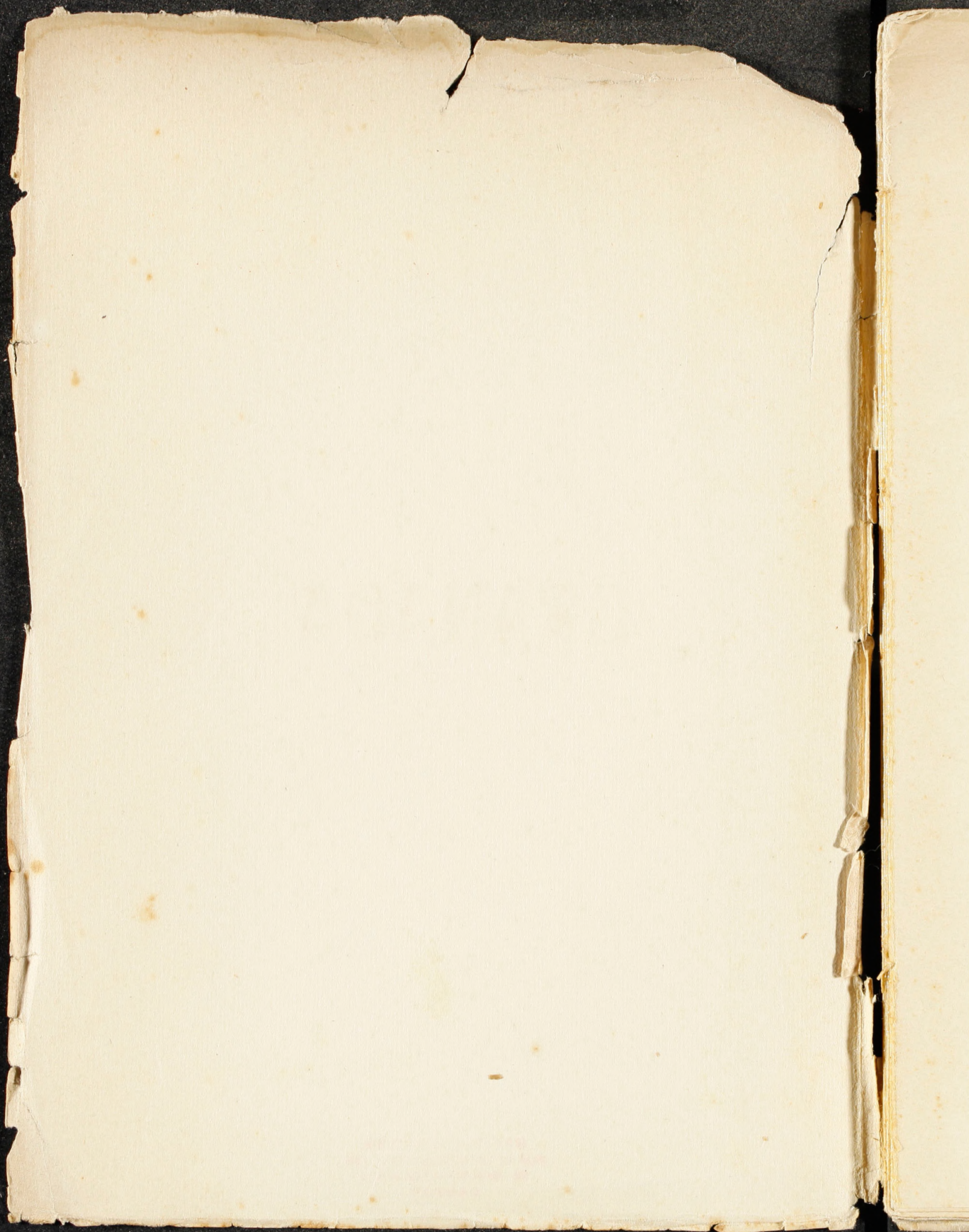


Martins Fontes

GRANADA

9.915
835g

EDIÇÃO DO
BAZAR AMERICANO
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 139
B. BARROS & C.
SANTOS



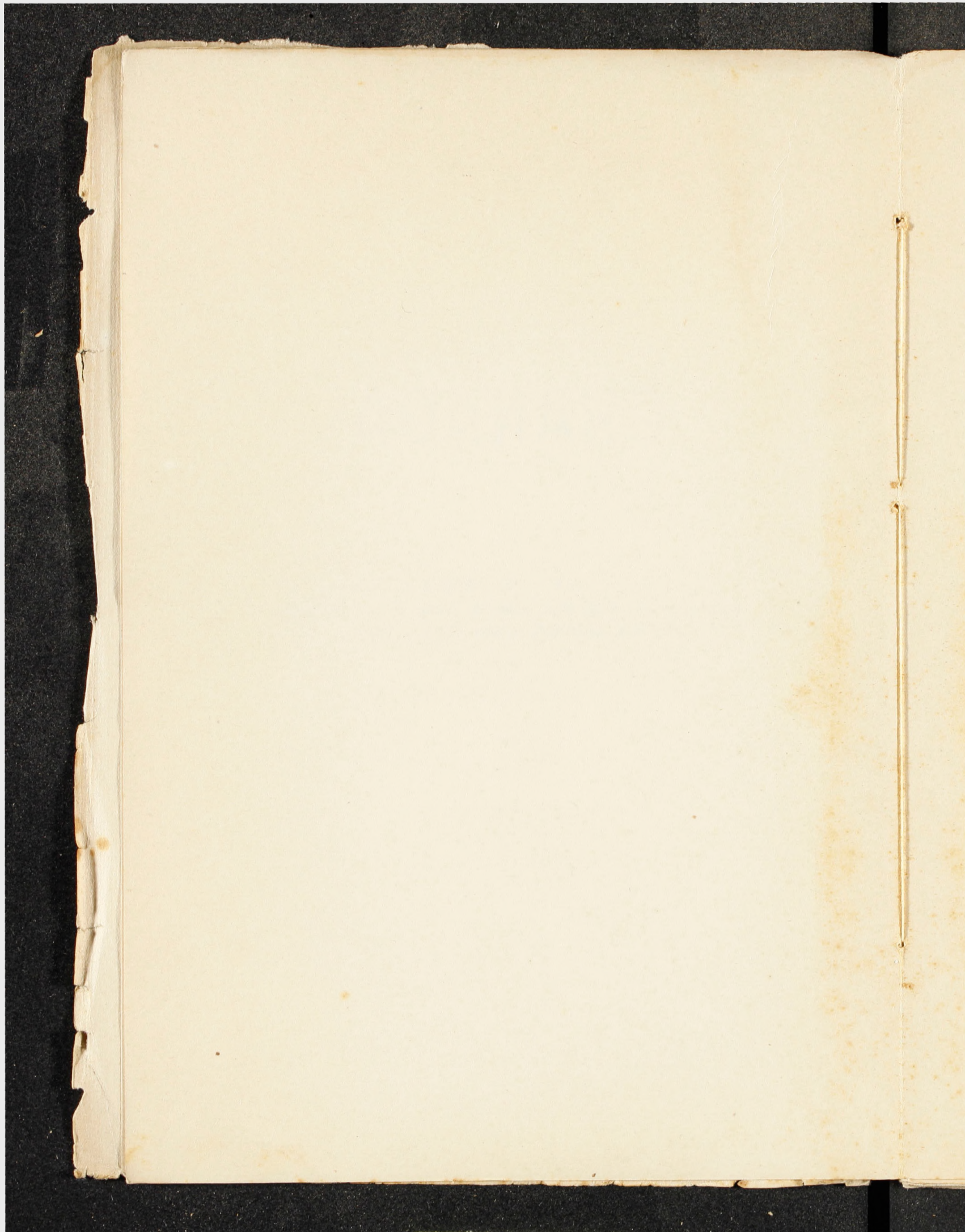


GRANADA

9.o poema da serie « AS CIDADES ETERNAS » :
Babylonia, Deli, Alexandria, Athenas, Roma, Veneza, Florença,
Byzancio, GRANADA, Lisboa, Paris e Bruges.

MARIO DE ANDRADE

E	I
f	186



MARTINS FONTES

GRANADA

1544
EDIÇÃO DO
BAZAR AMERICANO
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 139
B. BARROS & C.
SANTOS

MA
869.915
F6835g

GRANADA

Para mim que te sonho e que te amo, ó Granada,
És a imagem vivaz de uma rosa encarnada!
Dessas rosas que têm um tão vivo rubor,
Que parecem sorrir como uma boca em flor!
Cujas petalas são, quentes e purpurinas,
Como os labios sensuaes das tuas granadinas!
Rosas que no viçor mostram a vividez,
E nos dão a impressão de ter febre, talvez!
Rosas feitas de carne e rubras de desejo,
De aroma embriagador e forte como um beijo,
Para as quaes o perfume é a harmonia da voz,
Que têm sangue, e têm alma, e nervos como nós!
Assim, Granada, és tu: desabrochaste, um dia,
No formoso rosal da ardente Andaluzia,

Sob a tenda do céu, sob a gloria do sol,
Bella e brilhante flor do verão espanhol!
Com os teus varandins, tuas «Torres Vermelhas»,
A uma rosa escarlata e immensa te assemelhas!
Tu, na lingua mais rica e mais vibrante que ha,
Fizeste o cassideh, moldaste a moallakat!
Mas si, acima do teu refulgir no passado,
Te consagro o fervor de um culto apaixonado,
— Como, em arte, outro igual nunca terei nenhum,
É porque no refrão, no ghazel, no pantum,
Nos rimances de amor da sultana Alfayma,
Foste tu, ó Granada, a inventora da rima!

II

Quem, na Espanha, viajando em direcção do sul,
Em caminho, parar sobre o monte Padul,
Desse alcandor verá, sob a Sierra Nevada,
A terra de Ul-Ahmar, fundador de Granada.
Na planície da Vega, entre o Darro e o Xenil,
Deitada no sopé do famoso alcantil,
Que ainda hoje se chama — « El suspiro del Moro »,
Granada abre-se á luz como uma rosa de ouro!
E dessa elevação, vista em conjuncto assim,
Desde a «Puerta de Elvira» á «Calle Zacatin»,
Em toda a esplendidez do moiraz panorama,
Que vai de Alcaiceria ás vertentes da Alhama,
A ardorosa Granada irradia entre os seus
Zimborios, coruchéos, botaréos, apogeus,

Torreões pyramidaes e agudos minaretes,
Cercada de vergeis, carmens e jardinetes,
Moura e polygonal, álaçre e multicôr,
Desabrochada ao sol como uma rubea flor !
O viandante que a vir, si fôr um poeta, acaso,
Numa tarde estival, no silencio do occaso,
Não mais ha de olvidar a impressão que tiver :
Porque ao ver do Padul, como de um belveder,
Lá em baixo, no interior das casarias alvas,
Os vasos de alecrim, de erva-cidreira e malvas,
De violetas do campo e cravos vermeroes,
Que dão tanta alegria aos patios espanhoes;
Ao ver, por toda a parte, afestoadas em guirlandas,
Escondendo çaguões, recobrando varandas,

A hera que se emmaranha e acortina em dossel,
Dando a fôrma de um ninho ou de um caramanchel,
A essas habitações de puro estylo archaico,
Com seus panos muraes de azulejo e mosaico,
Ha de ir, a pouco e pouco, esquecendo o que vê,
Para rever, sonhando, o passado, porque,
Diante do seu olhar, surgirá, sem demora,
A Granada triumphal dos arabes de outrora!
E os racontos da lenda, as historias das « Mil
E uma Noites », á luz do seu olhar febril,
Subito, fulgirão, miraculosamente,
Dando ao painel actual o resplendor do Oriente.
As façanhas e ardis romanescos de Don
Rodrigo de Bivar ou Ponce de Leon,

Os contos medievaes desses tempos trevosos,
De inclitos capitães e feitos valerosos,
Que relatam, segundo o sabor granadi,
Perez de Hyta, Mendoza, Ortega, Makkary,
Darão á terra de hoje aspectos memoraveis,
Farão resuscitar os nobres condestaveis,
Os vultos fantasmaes dos paladins e heroes,
E philosophos como Avicenna e Averróes!
Na transfiguração da cidade evocada,
Num longo e largo olhar abrangendo Granada,
Desde a « Casa del Gallo » á « Casa del Chapiz »,
O viajor, deslumbrado, interroga-se, e diz:
— Quem sabe não se deu, sob aquellas ramagens,
A luta dos Zegrís contra os Abencerragens ?

Ou quem sabe não foi mais além que se fez
A jura varonil, de odio e de intrepidez,
De Muça e do Senhor Mestre da Calatrava,
Quando, contra o crescente, a cruz se levantava ?
E o viandante pergunta: — Ó Granada, onde estão
Os teus duros broqueis de couro de leão ?
Teus longos iatagans, alfanges, cimitarras,
Florejados punhaes e recurvas guitarras,
O prestigio, o fastigio, o fulgor, o esplendor
Do teu sonho immortal e maravilhador,
Como o raio solar que, em teu solo fecundo,
Um poeta quiz plantar, para aquecer o mundo !
Quando, ao luar espanhol, sob a lua do Islam,
Nas collinas do valle, « a entreaberta roman »,

Era, em todo o grandor da gloria granadilha,
A radiante rival de Cordova e Sevilha !
E é tal a sensação que o espectáculo dá,
Que o viandante, invocando a grandeza de Allah,
Ao ver, sobre o Padul, como de um miradouro,
Lá em baixo, na planicie, ao crepusculo de ouro,
Granada fulgescer, em relevo na luz,
Á hora do pôr do sol, sob o céu andaluz,
Começa a relembrar os seus dias doirados,
Quando ella enthesourava os mais finos brocados,
As almandras de preço e alveicis de valor,
Feitos em Bagodad, em Deli, no Lahor !
Quando enchiam de aroma os seus frescos pomares,
Os damascos da Armenia e os limões de Benares !

E havia em seus jardins, fosse inverno ou verão,
As rosas de Xirás e os lírios do Japão!
Quando, para entreter o seu luxo inaudito,
Os cavallos da Arabia e os camelos do Egypto,
Traziam, percorrendo os desertos de além,
Tudo bizarro e bom quanto o mundo contém:
Riquezas a granel, ás mancheias, sem conto,
Vindas do extremo da Asia, através do Hellesponto:
O ouro, o açúcar, o incenso, o nardo, o benjoim,
O ebano, o cardamomo, o sandalo, o marfim,
— E, suprema ambição, gala do seu commercio,
As perolas de côr, filhas do golfo persio,
A purpura de Tyro, o coral de Dabul,
E as baixellas de prata e porcelana azul!

E em meio do poder que esse fausto revela,
Mais bella do que tudo, ó mil vezes mais bella
Do que as gemmas de Ophir, os rubis do Pegú,
Do que as sedas da China e Cipango, eras tu,
Ó radiosa, ó formosa, ó divina Granada,
De Ayscha e de Lindaraja, Algasania e Valada!
E o viandante começa a commover-se então,
Ao pensar o que foi, segundo a tradição,
Essa joia sem par que Al-Gazali dizia
Ser «o jardim do amor e da galantaria»!
Quando ella era chamada a «Princesa do Sul»,
O berço de Zoraya, a patria de Gaçul!
Veriel dos laranjaes sempre em flor, dos limoeiros
Sempre verdes, país dos guapos cavalleiros!

Cavalleiros de garbo e de tal brilhantez,
Que mostravam na força a maior dulcidez.
E unindo, com donaire, o requinte á bravura,
A audacia á distincção, a altiveza á finura,
Eram sabios na guerra e no floreio, a par
Da insinança galante e arte de bem trovar.
Delles, por seu bravor e folgaz fidalguia,
Fora justo dizer que em cada qual havia,
De tal modo a elegancia era a todos commum,
No corpo de Almançor, a alma de Valdabrum!

III

E a treva nocturnal circumvolve Granada.
E o plenilunio, qual uma argentea alvorada,

Faz a Alhambra aluzir, sobredoirando no ar
Os rendados bastiões do estylo mudejar.
Feita de prata velha, a alcaçova pompeia,
Adarvada, esquinada, altimurada, cheia
De setteiras em torno á torre em caracol,
Em cujo alto doureja a atalaia pharol.
O efflúvio dos myrtaes que ha no Generalife,
Embalsama o luar no «jardim do alarife».
O viandante, enlevado, aspirando esse olor,
Tão intenso é o poder do aroma evocador,
Começa a devanear . . . E vê, e escuta, e sente
Em tudo, em toda parte, a magia do Oriente.
Ouve, abstracto, um rumor inexprimivel, sons
De trompas e clarins e de atambores, trons

De canhões, anafis estridulando . . . E' á hora
Em que sobre a almadena o almuádem clangora:
Quando, entre lobo e cão, como ordena o ritual,
Termina o ramadan com a sombra vespéral.
E, aos poucos, o viajor vai, mentalmente, vendo,
Em crescente delirio, este quadro estupendo:
O rebanho paschal dos antigos hebreus,
Celebrando em Granada a gloria do seu Deus.
Um formigueiro humano, ás portas da mesquita
Do Propheta, a vozear, se accumula e se agita.
Retroa o barbarizo, a algazarra, o tropel,
O zunzum do alaháo do povo de Israel.
Nas ruas principaes a multidão avulta.
E em lufa-lufa, e vai e vem, a turba multa,

Em pinha espessa, em mó cerrada, em torvelim,
Recobre a Vivarrambla, enche todo o Albaicin,
A' luz multicolor de milhares de velas,
De lanternas azues, carmesins, amarelas,
A cidade, festiva, esplandece, a flammear,
Como uma rosa de ouro ao fundo de um altar!
Alcatifas de alchaz, alambeis e brochadas
Enfeitam os balcões de duzentas mil casas!
Fulvida, fulgenteando, aurea, versicolor,
Granada ferve ao luar como uma extranha flor!

.
.

O viandante divaga: aos seus olhos de artista,
Outra decoração apparece, imprevista:

Muda-se a tela agora : é uma dança ao luar. . .
No recanto de um parque, á sombra de um pomar...
Vê-se o «Patio dos Leões» no palacio da Alhambra...
Uma odalisca turca entra dançando a zambra...
Tem-se, ao claror da lua, a micante illusão
De que ardem, soltos no ar, diamantes em fusão...
Ou de que os genios, no alto, esfolhassem, de leve,
Petalas de jacintho ou floculos de neve...
Gorjeia, entre os jasmins de Medina ou Muçul,
O rouxinol da Arabia, o suave bulbul...
Os repuxos de prata erguem-se nas piscinas,
Zigzagueando, volteando as curvas argentinas.
A agua, em fio, a fulgir, algida e musical,
Sobe, e ao chegar ao fim dessa longa espiral,

Que é como o fino hastil de uma flor, desabrocha
Num heliantho de opala ou de crystal de rocha...
Ouvem-se, ao longe, os sons de um concerto gazil,
De citola e doçaina, alaude e arrabil...
Branca, a lua parece uma enorme açucena...
O viajor, inspirado, idealiza esta scena
Dos tempos de Abderame, Alhazen e Kalid,
De sabios e sultões como Harun-Al-Raschid:
Entre os floreatos sombraes de uma extensa alameda,
Ha, estendida por terra, uma colcha de seda...
Sobre fofos coxins e almofadas de aluz,
Sentindo a inebriez que o narguilé produz,
Dos guslas escutando a harmonia tristonha,
O senhor de Granada, o califa, entresonha...

Cem mulheres em flor, cem escravas contém,
Como um jardim fechado, o seu florido harem.
Não inveja : não pode ambicionar mais nada
Quem, sendo moço e bello, é o Senhor de Granada.
Fiel ás leis do Alcorão, unicamente quer
Amar a Deus. na altura e na terra a mulher.
E' poeta : a agua, o perfume e as estrellas estima
Com o fervor com que adora o beijo de uma rima.
E, a entredormir, feliz, a pouco e pouco vai
Recitando em surdina uma prece a Adonai,
Ao mavioso temblar das aiabebas, quando
Atravessa a alameda uma visão dançando...
Tão linda, que elle crê essa miragem é,
Pelo modo de andar e de sorrir, Fatmé.

Nem outra pode ser essa imagem bemdita,
Porque ninguém possui, como essa favorita,
De olhos côr de avellan e dulçor de alcaçuz,
A belleza que assombra, a graça que seduz!
Sente-se, ante o fascínio irresistível della,
Que é impossível haver criatura tão bella!
A não ser que uma fada, uma esbelta peri
Do eden de Mahomet, uma garbosa huri
Se disfarçasse nessa adorável sultana,
Gemea do anjo Azrasil da lenda muçulmana...
Dança. Imita uma pomba a adejar num vergel,
O alor do cysne, a abelha a procurar o mel,
Os pavões imperiaes, as gazelas ariscas,
Os meneios gentis das outras odaliscas,

— Porque melhor ninguem retratar saberá
Suas rivaes no harem : Nurmahal e Leilah.
O califa sorri, namorando-lhe a graça.
E ella voeja, revoa, esvoeja, esvoaça,
Até que, alva e lunar, simulando o alcanfor,
Toma, entreabrindo os véos, a fórma de uma flor.
E, em volta do seu corpo, o cendal, que fluctua,
Symboliza o perfume a evaporar-se á lua...
Tão pura é a imitação, tão perfeito o prazer,
Que o califa não sabe, em verdade, dizer
Si o aroma dos rosaes se exhala da corolla
Da sua carne, o albor do luar, que a aureóla,
Provém da irradiação dessa epiderme alvar,
Que tem o ardor do sol e a pallidez do luar !

Bella e branca, a brilhar, baila, borboleteia,
Finge a aranha subtil a rendilhar a teia,
Colhendo e entrefechando os frouxos malayés,
Gracilmente movendo as álulas dos pés...
Subito, a palpitár, estremecendo, ansiosa,
Desprendendo o molí, como uma grande rosa
Que aos poucos se esfolhasse, apresenta-se, emfim,
Ante o cúvido olhar do miralmuminim,
Avivando a paixão que lhe ardeja nos olhos,
Com todo o corpo em flor, livre dos mil refolhos
Dos velilhos de bysso e mantos de tissú,
Desde a cabeça aos pés inteiramente nú!
E na sua nudez, offertando-se, fica
Diante delle, a offegar, orvalhada, impudica!

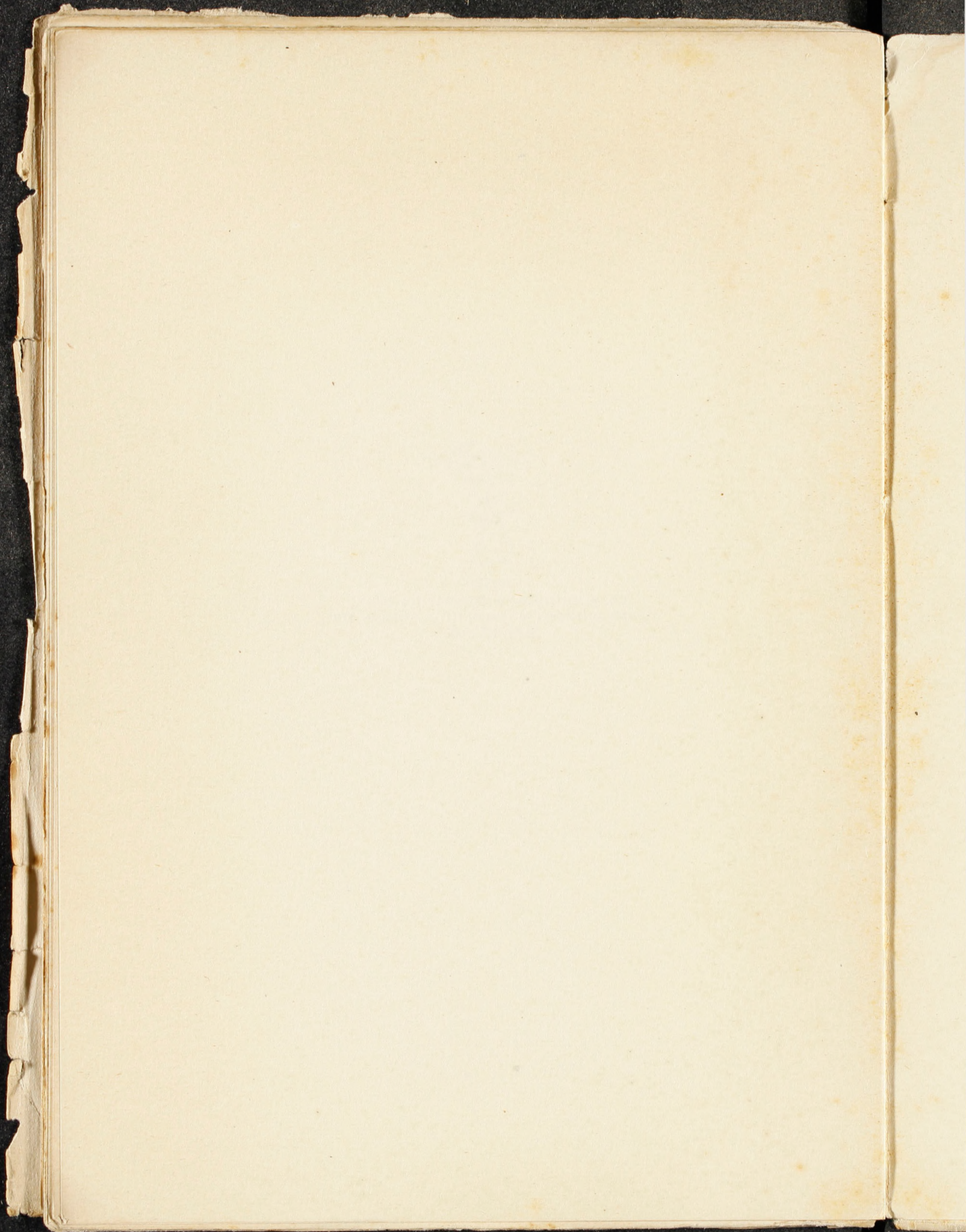
O califa contempla essa dança infernal,
Crendo estar sob a acção do sobrenatural!
E, para ver melhor a mentira risonha,
Fecha os olhos... e vê que é verdade o que sonha!
Quebranta-o a mollicia, o languor da ebriez.
Docemente, uma voz lhe conta: — Era uma vez...
E, ao som dos bandolins, essa voz encantada
Prosegue: — Era uma vez, um califa, em Granada...

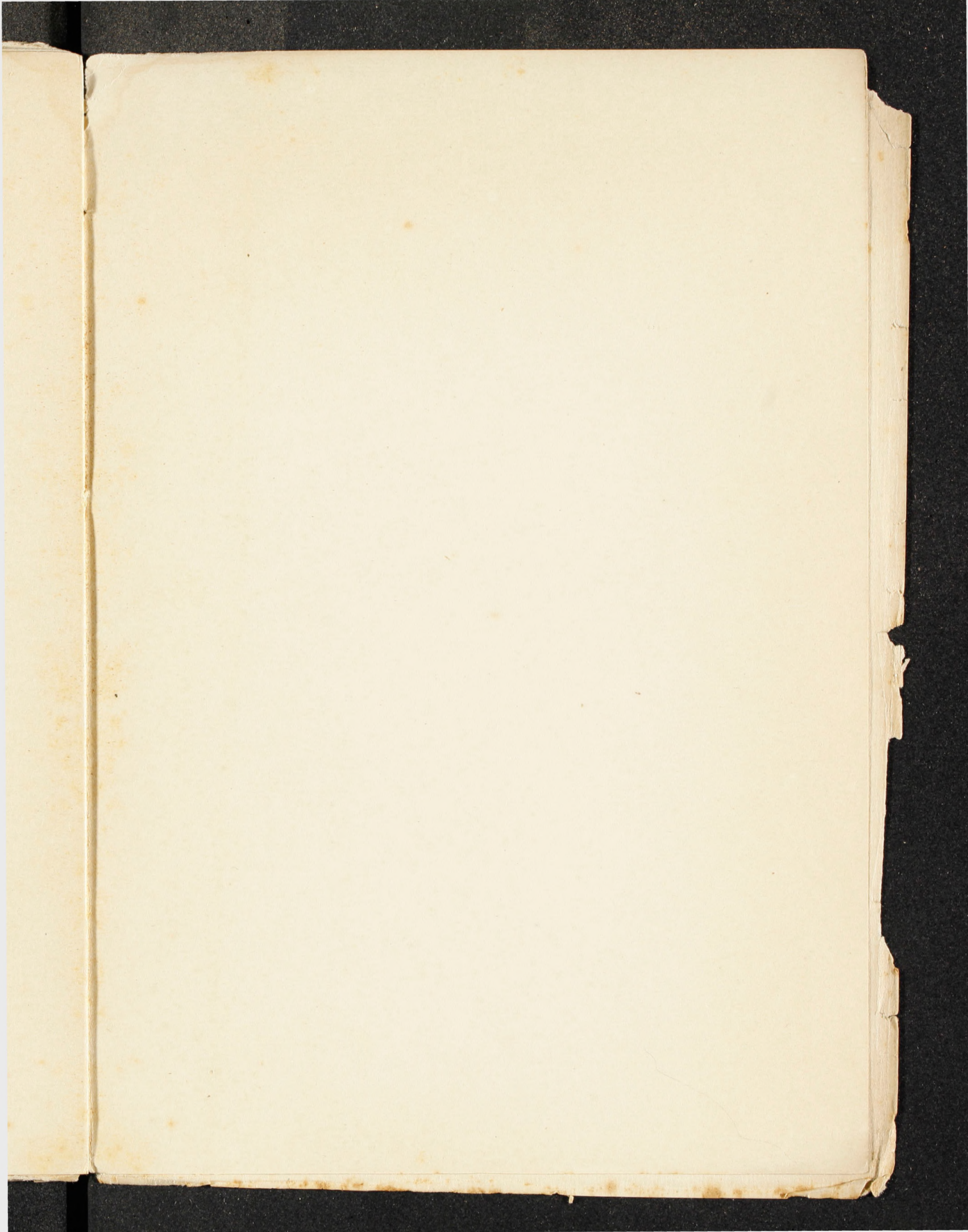


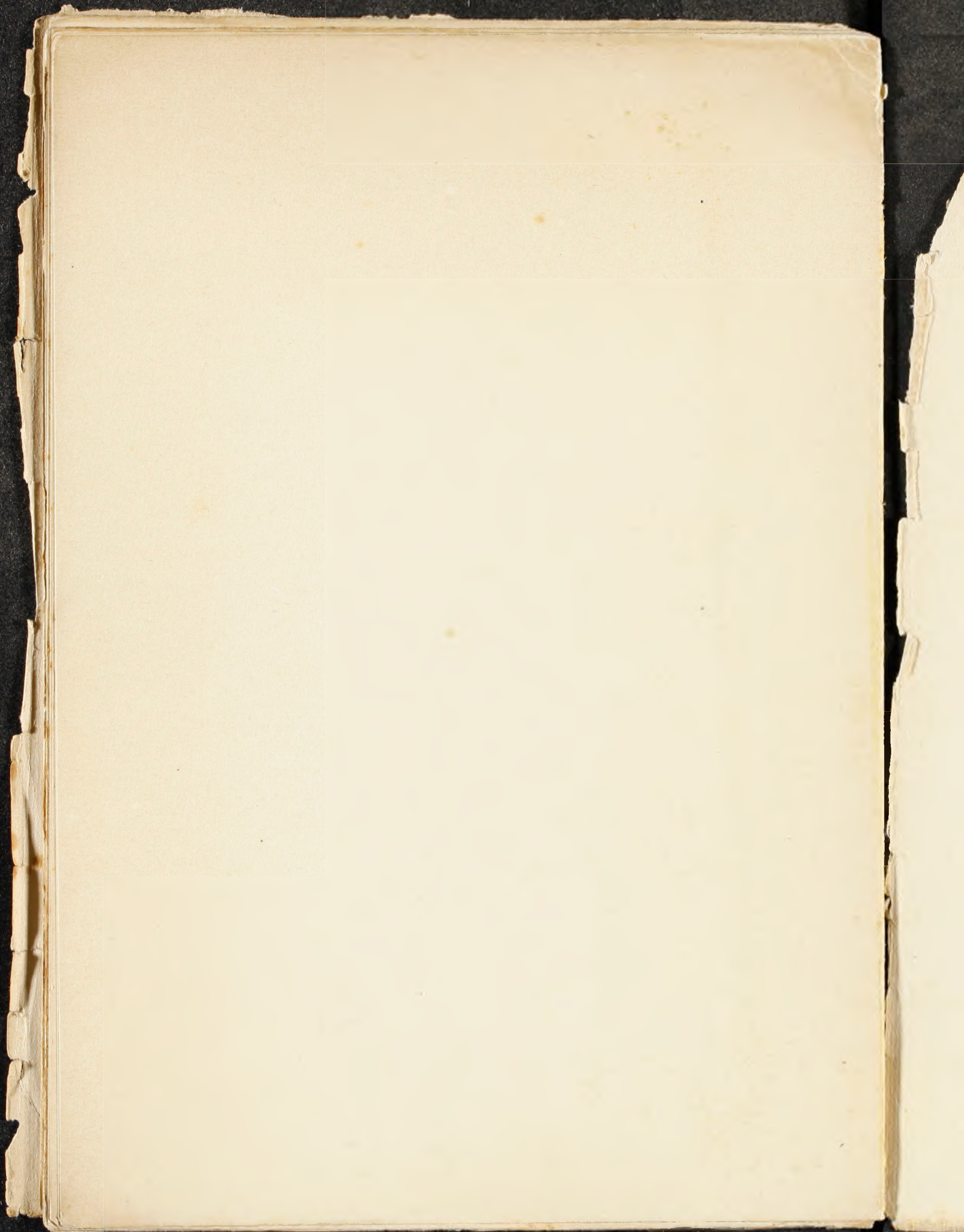


1919

Typ. do INSTITUTO "D. ESCHOLASTICA ROSA"
Avenida Bartholomeu de Gusmão, 111 — Telephone, 376
SANTOS







1.
02c

